

BENVENISTE AINDA UM COMEÇO⁷³

Rogério Ferraz De Andrade (UCS)

motivandogente@gmail.com

Noeli Reck Maggi (UCS)

nrmaggi@uniritter.com

RESUMO

Este trabalho pretende retomar alguns aspectos da teoria da enunciação desenvolvida por Benveniste, tendo como referência principal o seu artigo “O aparelho formal da enunciação”, publicado em 1970. Benveniste, dando continuidade à obra de Saussure, alargou os horizontes da linguística, incluindo o momento do discurso como instrumento de trabalho e pesquisa para os estudiosos. Várias teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação nos últimos tempos têm investigado as razões do desconhecimento, ou de algum possível não reconhecimento da obra de Benveniste no Brasil e constatam o reduzido espaço que os estudos linguísticos têm dado ao seu pensamento, o que ao invés de inibir os pesquisadores, pode tornar-se fecunda área de trabalho para novos escritos. Alguns desses trabalhos são relatados neste artigo. Além disso, através de autores contemporâneos como Flores (2013), Flores & Teixeira (2008) e Sarfati (2010), procurou-se na bibliografia especializada e publicada no Brasil esclarecer as contribuições advindas com o pensamento benvenistiano. Tal inventário pretende constituir-se numa espécie de roteiro para as pessoas que desejam conhecer e aprofundar-se na temática. Dessa forma, acredita-se estar contribuindo para a difusão do pensamento de Benveniste e de sua obra ainda pouco conhecida no Brasil.

Palavras-Chave: Linguística. Enunciação. Benveniste.

1. Introdução

Ezra Benveniste nasceu na Síria em 1902, naturalizou-se francês e tomou o nome de Émile Benveniste. Desenvolveu intenso e extenso estudo não apenas na área da linguística, mas também da antropologia, da filosofia da linguagem e outras áreas afins, tendo publicado “18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Société Linguistique de Paris.” (FLORES, 2013, p. 14) Sucedeu Antoine Meillet na Cátedra de Gramática Comparada no Colégio de France, secretário da Société Linguistique de Paris, Diretor do Institut d’Études Iraniennes da Universidade de Paris, Diretor da Revue d’Études Arméniennes, dentre outras ativi-

⁷³ Este artigo depende-se dos estudos realizados em torno da obra de Benveniste como referencial teórico para a tese de doutorado em Letras e que investiga a formação das competências do professor de língua materna.

dades desenvolvidas e morto em 1976 em Versailles.

Fica explícito em seus dois volumes mais conhecidos, *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, o reconhecimento ao trabalho desenvolvido por Ferdinand Saussure, considerado por Benveniste como “um novo começo” no que diz respeito aos estudos referentes à linguística. Nesse sentido, ao longo dos escritos, percebe-se o viés estruturalista do pensamento e da obra por ele produzida. Entretanto, vai além da perspectiva evidenciada pelo “pai da linguística” que havia definido a língua como único objeto de estudo para o linguista, incluindo também a enunciação, o efeito produzido pelo ato de apropriação do indivíduo, enquanto sujeito linguístico, dando cidadania à fala, com todas as implicações que dela podem advir.

Para Julia Kristeva, o mérito de Benveniste consiste em ter acrescentado à linguística a propriedade do “poder significante”. Segundo a autora:

Nisso consiste, precisamente um *caminho* que ‘não diz nem oculta, mas que significa’ e que o leva do estudo da Grécia pré-socrática (explicitamente), da Bíblia e dos Evangelhos (implicitamente) ao dos saberes modernos surgidos da secularização, e muito em especial à linguística geral, que Benveniste se propõe *modular* de modo que esta possa analisar como se organiza a língua para criar sentido. (KRISTEVA, in BENVENISTE, 2014, p. 23 – tradução nossa)

De acordo com Flores (2013), Benveniste não rejeita Saussure, pelo contrário, seu ir além consiste em incluí-lo. “O ‘ir além’ no contexto de *A forma e o sentido na linguagem* tem um sentido, minha opinião, de ‘ir a outro lugar’, a partir de Saussure, com Saussure”. (FLORES, 2013, p. 78)

É sobre o inédito em Benveniste que este texto discorre. Sua contribuição nos estudos da linguística, bem como pretende reforçar os esclarecimentos acerca da concepção benvenistiana sobre a enunciação e seu significado não apenas para a linguística, mas para tudo o que diz respeito ao ser humano como um todo, uma vez que segundo o autor “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem.” (BENVENISTE, 2006, p. 93)

A fim de alcançar tais objetivos, este artigo foi sistematizado em três momentos:– a enunciação em Benveniste a partir do aparelho formal da enunciação em que são abordados os aspectos mais relevantes descritos pelo autor; – Benveniste lido e relido no Brasil, momento em que se

faz um apanhado sobre os temas mais recorrentes em dissertações, teses, artigos e livros publicados no país nos últimos anos, o que desde já prenuncia o fato do pensamento de Benveniste estar, ainda que timidamente, tomando espaço e dimensões até então desconhecidas e – considerações finais sobre o que é ainda começo.

2. A enunciação em Benveniste

Benveniste é considerado o linguista da enunciação e, consequentemente, o principal representante do que se convencionou chamar “teoria da enunciação”. “O lugar desse autor é singular no contexto histórico em que suas reflexões foram produzidas: o apogeu do estruturalismo nas ciências humanas como método rigoroso de análise de fenômenos antes excluídos da investigação científica.” (FLORES & TEIXEIRA, p. 29)

É nesse contexto de florescimento da linguística como ciência que Benveniste edifica o seu pensamento, tendo como ponto de partida os estudos de Saussure publicados em parte no *Curso de Linguística Geral*. O pensamento e a obra de Benveniste permaneceram no obscurantismo até bem pouco tempo. E, para Normand: “Foi apenas recentemente que ela suscitou vários trabalhos associados ao mesmo tempo a limitar esse conjunto, cuja diversidade frequentemente desconcerta, a analisar os conceitos e a situar Benveniste na linguística contemporânea.” (NORMAND, 2009, p. 153)

Em *Problemas de Linguística Geral II* encontram-se os conceitos norteadores da obra de Benveniste. O autor dedica-se, na segunda parte do livro, às questões referentes à linguagem no que diz respeito à experiência humana e, especificamente, ao centro de sua teoria e pesquisa, a enunciação. Já em *Semiologia da Língua*, escrito em 1969, Benveniste anuncia a necessidade de um “aparelho novo de conceitos e definições”, referindo-se ao domínio semântico. É nesse sentido que propõe: “[...] é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua”. (BENVENISTE, 2006, p. 67). Tal ultrapassagem dá-se pela inclusão da perspectiva da significância e da subjetividade que não foram consideradas por Saussure, ou ao menos, não diretamente.

[...] a proposição da subjetividade na língua é, certamente, o grande mérito de Benveniste e a sistematização dessa proposição representou um avanço indiscutível para a descrição e compreensão do fenômeno linguístico enquanto fenômeno social. (GOMES, 2003, p. 55)

Esta é a inovação de seu pensamento: supor sujeito e estrutura articulados.
(FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 30)

De acordo com Benveniste há duas possibilidades de ir mais além do que Saussure havia proposto. Primeiro, através da abertura de uma nova significação (esta refere-se ao estudo do discurso) e que está diretamente relacionada à semântica, e em segundo lugar na análise intralinguística dos textos que constituirão uma metassemântica construída sobre a semântica da enunciação. A inclusão de um novo foco para os estudos da linguística, no entanto, não o afastam de Saussure no que diz respeito à questão metodológica, pois ela permanece tendo lugar central em sua pesquisa.

Pode-se afirmar que Benveniste fez emergir uma nova semântica centrada na relação do sujeito (da pessoa) com o mundo. Esse sujeito nada mais é do que o sujeito da enunciação. O que o “pai da enunciação” busca na linguagem é o sujeito que se apropria da linguagem e nela se revela, conforme afirma:

Em toda língua e a todo momento, aquele que fala se apropria desse eu, este eu que no inventário das formas da língua não é senão um dado lexical semelhante a qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual nenhuma linguagem é possível (BENVENISTE, 2006, p. 68-69)

A pessoa é o elo fundamental sem o qual a linguagem inexistente e que nada mais é do que o “eu” e o “tu” em interação dialógica. Mas como se dá o processo de apropriação da língua por parte do indivíduo? É o que Benveniste trata de especificar em “O aparelho formal da enunciação”. Segundo ele, a enunciação consiste no ato de apropriação do indivíduo. E esse ato de produzir o enunciado está no centro de seu interesse. Afirma, pois, que a apropriação tem a ver com as relações que o indivíduo trava com a própria existência, ficando tais interações registradas nos discursos, falas, encontros e desencontros.

Ao apropriar-se da língua, utilizando-a para influenciar e mobilizar o outro, o “tu” do discurso compreende-se que aquele que fala esteja munido do aparelho formal da enunciação. “Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções.” (BENVENISTE, 2006, p. 86)

Segundo Flores, é preciso ter presente que o aparelho formal da enunciação não é algo dado, definitivo, mas algo a ser construído pelo locutor.

... o dito *aparelho formal de enunciação* não é algo que esteja pronto aprioristicamente e que caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação. É errado supor, então, que o locutor se apropria do *aparelho formal da enunciação*. Ele, na verdade, o constrói a cada enunciação, a partir do *aparelho formal da língua*. (FLORES, 2013, p. 168)

Na enunciação há que se observar, segundo Benveniste, o ato, as situações e os instrumentos de sua realização. Além disso, ao colocar a língua em funcionamento, o locutor serve-se do que Benveniste chama de índices de pessoa, dos índices de ostensão e das formas temporais. Segundo ele: “[...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.” (BENVENISTE, 2006, p. 85). Não se pode, entretanto, esquecer que a tese central de Benveniste expressa-se no aforismo: “O homem está na língua.”

Este discurso do homem no mundo é a forma que encontra de relacionar-se com os outros. Trata-se de um sujeito linguístico, um locutor que se dirige a um alocutário, o que se dá pela referenciação, uma vez que o homem sente necessidade de referir pelo discurso. “A referência é parte integrante da enunciação.” (BENVENISTE, 2006, p. 84)

É importante salientar o significado da contribuição de Benveniste para a linguística da enunciação. Seus escritos fizeram emergir uma nova perspectiva em relação à epistemologia desse campo de estudos ao incluir a questão do sujeito. No entanto, ultrapassa a linguística, uma vez que o autor colocou-se em diálogo com outras áreas do saber.

Há, também, um fazer interdisciplinar das ciências do homem em que a linguagem tem papel fundamental. É o diálogo teórico posto em prática. Por esse prisma podemos afirmar que Benveniste produz em um terreno limítrofe, que lhe permite falar de filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, cultura etc., numa interdisciplinaridade. Finalmente, há a prospecção de uma nova linguística: a da enunciação. Nesta terceira perspectiva está a reflexão comumente denominada pelo termo *teoria da enunciação*. (FLORES & SILVA, 2013, p. 45)

Para Flores (2013, p. 163) a opção de Benveniste em afirmar que a enunciação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” opera uma ruptura com uma visão estratificada da língua possibilitando um alargamento da análise enunciativa de modo a estendê-la a todos os níveis da língua.

Acredita-se que os apontamentos realizados até agora são suficientes para esboçar um panorama da teoria da enunciação desenvolvida

por Benveniste. O próximo item abordará alguns aspectos relevantes sobre a produção acadêmica em torno do autor.

3. Benveniste lido e relido no Brasil

Não são poucos os que afirmam que o trabalho de Benveniste trata-se de uma obra inconclusa, daí a complexidade e dificuldade em alcançar a compreensão sobre o que ele produziu. Kristeva, no prefácio às *Últimas lecciones*, afirma que tal inconclusão deve ser entendida não no sentido de diminuir a obra e ou o pensamento do autor, mas “[...] no sentido mesmo da experiência por ele efetuada em relação à linguagem diante da diversidade de correntes de pensamento, multiplicando as sendas e interrogações tanto epistemológicas quanto estéticas [...]” (KRISTEVA, in BENVENISTE, 2014, p. 21)

Essa dificuldade de leitura também é relatada por Flores:

É difícil ler Benveniste. E não digo isso apenas para justificar um livro que pretende apresentar algumas diretrizes de leitura do pensamento do autor. Digo isso porque é tão somente uma constatação óbvia aos olhos de todos os que se dedicam a lê-lo. (FLORES, 2013, p. 19)

É significativa a escassez de obras e estudos em torno da obra de Benveniste no Brasil, mesmo quase quarenta anos após a sua morte. Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* têm dedicado pouco espaço para a teoria da enunciação. Nesse sentido, declinam-se neste artigo alguns dos trabalhos desenvolvidos em torno do autor nos últimos anos.

Em 1979, foi publicada no Brasil a tese apresentada por Michel Lahud com o título: “*A Propósito da Noção de Dêixis*.” Trata-se de um dos primeiros trabalhos apresentados no Brasil que apresentam Benveniste e a teoria da enunciação, dando-lhe o reconhecimento e apontando o significado de sua obra. Segundo o autor, “a subjetividade na linguagem” constituiu-se na pedra de toque de seu pensamento, ou melhor, como afirma o próprio escritor “a peça principal à qual se prendem todas as outras.” (LAHUD, 1979, p. 106).

Em sua tese de doutorado intitulada *Ciência, Disciplina e Manual: E. Benveniste e a Linguística da Enunciação*, Giacomelli (2007) questiona-se acerca da possibilidade de um lugar para Benveniste na linguística feita no Brasil e investiga nos manuais de introdução à linguística como o autor é referenciado. A pesquisa revela alguns dos possíveis motivos para o desinteresse em relação à obra de Benveniste. Dentre os

inúmeros apontamentos da autora destacam-se a falta de um espaço institucionalizado no que diz respeito a uma disciplina de linguística da enunciação, a suspeita levantada pela análise do discurso de linha francesacorrente predominante no Brasil- em relação à questão da subjetividade central nos escritos de Benveniste e por aqueles entendida como um reducionismo e, não menos importante, os interesses pessoais, profissionais e institucionais que refletem as condições ideológicas e políticas que envolvem o saber.

Na sua tese de doutoramento, *Enunciação e Diálogo*, Martins (1987) investiga a natureza do diálogo e suas possibilidades de ocorrência através da análise de relação enunciativa. A autora critica as concepções de diálogo que acabam por identificá-lo com a enunciação e desenvolve uma análise sobre elementos integrantes da enunciação e suas relações. O trabalho toma como referência a constituição de sujeito de Benveniste para afirmar a dialogicidade existente na enunciação. Trata-se de um dos trabalhos desenvolvidos em torno da obra de Benveniste que tem servido de referência à linguística da enunciação no Brasil.

A professora Neiva Tebaldi Gomes defendeu sua tese de doutoramento em Letras pela UFRGS em 2003 sob o título “*Um Estudo das Relações de (Inter)subjetividade Presentes da Enunciação Escrita de Professores de Língua Materna*”. A pesquisadora propõe-se no estudo investigar as relações de (inter)subjetividade que o professor mantém com o outro (tu), determinadas por um terceiro elemento constitutivo do processo de enunciação sendo que o tipo de ensino que ele faz é condicionado por essas relações. As referências usadas para a construção da tese transitam entre Bakhtin e Benveniste. Entretanto ela dedica mais de 20 páginas da tese à explicitação do pensamento linguístico deste afirmando que, em Benveniste, as teorias enunciativas encontram uma forma de sistematização que possibilita estudos de relações enunciativas.

Lichtenberg (2006) apresentou a tese de doutoramento com o título “*Sintaxe da Enunciação: Noção Mediadora para Reconhecimento de uma Linguística da Enunciação*”. Neste trabalho, a autora tratou de apresentar elementos que justificam a unicidade em torno da obra de Benveniste. Através das leituras que realiza em torno das obras PGL I e PGL II, ela conclui que ali se funda e constitui uma linguística da enunciação que tem como eixo a intersubjetividade. “Mesmo que estudemos um só de seus textos, seu pensamento remete a esta noção; mesmo que este linguista se dedique ao estudo de uma única palavra- a noção de *cidade*, por exemplo, - é a noção de *intersubjetividade* que traz à sua reflexão.” Eis a

conclusão do trabalho empreendido pela pesquisadora.

Ao abordar as “*Bases Epistemológicas para a Elaboração de Um Dicionário de Linguística da Enunciação*”, Cremonese (2007) faz uma incursão nas teorias da enunciação buscando elementos para afirmar a existência de uma linguística da enunciação. A autora vai às fontes buscar as origens do desenvolvimento desse campo de estudos, procura também elementos capazes de delimitá-lo e analisa como ela foi recebida no Brasil. A mesma conclui que “as formas de incursão e o contato com a linguística textual, com as teorias pragmáticas e com a Análise do discurso de linha francesa, tal qual se deram, produziram um apagamento das teorias da enunciação no Brasil. (CREMONESE, 2007, p. 157).

Os aspectos levantados na tese supracitada são retomados por Knack (2012) em sua dissertação de mestrado que teve como título: “*Texto e Enunciação: As Modalidades Falada e Escrita Como Instâncias de Investigação*”. A autora discorre sobre a ausência de um referencial mais aprofundado sobre o pensamento de Benveniste, no primeiro capítulo de seus escritos, dando ênfase aos estudos do texto em cujo campo a teoria da enunciação aparece apenas de forma “mediada por disciplinas que não especificamente enunciativas.” Essa “falta” segundo Knack “[...] nos move no desafio de explorar a interface da teoria benvenistiana com os estudos do texto, propondo um olhar enunciativo para esse objeto.” (KNACK, 2012, p. 40)

Numa excelente pesquisa sobre a presença de Benveniste nos estudos contemporâneos da linguagem, Mello (2012) descreve a timidez com que o autor é levado em conta na literatura específica da linguística no Brasil. A autora examinou periódicos e livros especializados, desconsiderando teses e dissertações, pois, segundo ela, são textos de uso mais restrito. Dentre os 1790 artigos examinados pela autora em 159 exemplares, somente 119 fazem referência a Benveniste. Nos textos analisados, somente 59 têm o autor como teórico principal. A conclusão a que a autora chega é que a presença de Benveniste como suporte teórico é ainda muito tímida, o que incorre segundo (MELLO, 2009, p. 29) numa “carência de trabalhos de análise linguística que se ancorem na Teoria da Enunciação benvenistiana”. Por outro lado, tal carência abre espaço para que surjam pesquisas e análises capazes de contemplar essa teoria desnudando suas contribuições para os estudos linguísticos.

Observe-se que estas são algumas das mais significativas teses e dissertações que se encontram nos bancos de dados e disponíveis na

Web. Não há aqui a pretensão de fazer uma busca exaustiva, mas apenas apresentar uma amostragem da situação em que se encontra a Teoria da Enunciação desenvolvida por Benveniste, no Brasil.

Em agosto de 2004, sob a coordenação de Valdir Flores, Leci Barbisan e Marlene Teixeira, realizou-se na PUCRS o I Colóquio de leituras de Émile Benveniste. Os artigos referentes ao que foi apresentado pelos participantes encontram-se publicados e disponíveis na web na revista *Letras de Hoje*, número 138, de dezembro de 2004. De forma geral, as comunicações referidas pelos artigos abordam a teoria da enunciação de Benveniste e podem constituir num bom referencial para um estudo inicial do autor.

Quanto à literatura especializada em Benveniste produzida por autores brasileiros destacam-se três que merecem a citação neste artigo. *Introdução à Linguística da Enunciação*, de Valdir Flores e Marlene Teixeira publicado pela editora contexto em 2008. Os autores percorrem as origens da enunciação e, como não poderia ser diferente, desprendem um extenso capítulo ao pensamento de Benveniste e apontam-no como “principal representante do que se convencionou chamar *teoria da enunciação*.” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 29). Segundo os autores, “Émile Benveniste talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação.” (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 29). Além disso, para eles a grande inovação do pensamento de Benveniste consiste em supor sujeito e estrutura articulados. Para melhor situar os leitores, a obra de Benveniste é dividida em eixos em torno dos quais transita o seu pensamento e os seus escritos. Merece destaque também a consideração acerca da dêixis em Benveniste.

[...] para Benveniste, toda a língua é dêitica, na medida em que precisa ser referida a quem a enuncia para ter sentido. A dêixis nesse autor não é o mecanismo de referência ao mundo, mas ao sujeito. Assim, todos os elementos da língua precisariam ser analisados na instância de discurso que contém “eu”, o que convenhamos, amplia significativamente o escopo da teoria. (FLORES & TEIXEIRA, 2008, p. 42)

Trata-se de uma leitura elementar para os iniciantes em linguística que desejam compreender a teoria da enunciação sob o prisma de Benveniste.

Outra obra que explicita o pensamento deste que é o nosso objeto de estudo foi publicada pela Editora Ática em 2010 sob o título “*Princípios da Análise do Discurso*”. Traduzido para a língua portuguesa, o tex-

to detém-se extensamente sobre a relação existente entre o discurso e a enunciação. Segundo o autor, o mérito de Benveniste consiste em ter sistematizado o campo de pesquisa iniciado por Bréal.⁷⁴ No livro, a obra *Problemas de Linguística Geral*, de Benveniste, é referenciada como aquela que levou à maturidade a problemática original levantada pelas questões subjetivas. Ao retomar Benveniste em sua afirmação da necessidade do locutor propor-se como sujeito, Sarfati conclui que “[...] o ato de enunciação fala primeiro de si mesmo, antes de dizer algo do mundo, revelando assim o sujeito que o realiza.” (SARFATI, 2010, p. 26)

Discutindo a questão do discurso, o autor afirma o deslocamento operado por Benveniste na direção da linguística proposta por Saussure. “Suas investigações acerca da enunciação e da semiologia da língua constituem uma notável tentativa de superar, em prol de outra concepção da manifestação da fala, a oposição saussuriana entre uma instância coletiva (a língua) e uma instância individual (a fala).” (SARFATI, 2010, p. 17). E mais: “[...] contribuiu fundamentalmente para sensibilizar o campo linguístico francês para o tema da pragmática da linguagem em contexto, que a análise do discurso passaria a integrar, de modos distintos, conforme se desenvolveu.” (SARFATI, 2010, p. 17)

A terceira obra que toma em perspectiva o pensamento de Benveniste, produzida por Valdir Flores, e publicada em 2013 pela Editora Parábola, intitulada “*Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*”, constitui-se num trabalho praticamente completo que sintetiza o pensamento desenvolvido e que desembocou no que hoje chamamos Teoria da Enunciação de Benveniste. Esse livro de quase 200 páginas perpassa todos os momentos do pensamento e da produção de Benveniste, buscando os fundamentos e explicitando-os com as citações e análises dos escritos do autor. De forma absolutamente inovadora, Flores aponta ao final de cada capítulo sugestões para a continuidade dos estudos em torno do tema. A obra desse, que pode considerar-se um dos brasileiros mais envolvidos com a temática de Benveniste e grande conhecedor do linguista, apresenta três momentos por ele definidos como essenciais na reflexão acerca de Benveniste, a saber: – pessoa e não pessoa; – semiótico e semântico e o aparelho formal da enunciação. No último capítulo aponta

⁷⁴ Criador da palavra “semântica” em 1883 na obra “*As leis intelectuais da linguagem*”. Dedicou-se ao estudo das significações. “Bréal teve a originalidade de partir das próprias palavras e de tentar dar conta dos processos semânticos, libertando-se dos quadros preestabelecidos [...]” (LEROY, 1971, p. 63).

para a inconclusão e a atualidade do pensamento do autor, restando como tarefa para os que se interessam pelo pensamento de Benveniste a continuidade dos estudos.

Ao analisar o percurso empreendido por Benveniste, Flores sintetiza a importância dele no campo da linguística e o situa no trabalho do linguista.

Minha hipótese é que Benveniste é quem melhor compreende, na linguística pós-saussuriana, o alcance das indicações dadas por Saussure sobre o fazer do linguista. Uma versão mais radical dessa hipótese poderia receber a seguinte formulação: Benveniste assume para si, tanto no plano teórico quanto no descritivo a incumbência de fazer do linguista pensado por Ferdinand de Saussure. Ou, ainda, de maneira mais utópica: Benveniste é o linguista que Saussure sonhou para a linguística. (FLORES, 2013, p. 65)

4. Considerações finais sobre o que é ainda um começo⁷⁵

Os tempos mudam, os ventos acabam por conduzir-nos a novas direções. A obra e o pensamento de Benveniste têm sido revisitados no Brasil. A ausência gerou a necessidade de presença. Centenas de artigos científicos, vários grupos de pesquisas de programas de pós-graduações *stricto sensu* e algumas obras têm, ainda que timidamente, começado a dar espaço para este que redimensionou os estudos da linguística.

Benveniste, já em vida, transitou por tantas outras disciplinas. Parecia não querer permitir prender-se a uma semântica dura voltada apenas para os quadros teóricos da linguística, embora seja ela a sua grande devedora, pois a ela dedicou os trabalhos de uma vida inteira. Tal dimensão pode ser constatada em trabalhos já publicados no Brasil como, por exemplo, em *A Busca do Sentido*, de Jean-Claude Coquet, pela editora Martins Fontes, 2013, traduzido por Dilson Ferreira Cruz em que o autor procura elementos vinculantes entre o pensamento de Benveniste e a fenomenologia. Muitos outros, certamente, virão.

⁷⁵ O título deste artigo parafraseia a expressão de Benveniste ao falar sobre a importância de Saussure no desenvolvimento da linguística no artigo "Esta linguagem que faz a história", datado de 1968 e publicado no especial literário *Le Nouvel Observateur*. Essa conversa consta no PLG II, conforme o referencial bibliográfico, no final deste artigo. Para Saussure "não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo." Sabe-se que muitas são as teorias da enunciação que vêm a constituir uma linguística da enunciação. De semelhante maneira poder-se-ia afirmar que se Benveniste não é exatamente um "começo", talvez ele seja um "outro tipo de começo" do que veio a se constituir a teoria da enunciação.

Embora sejam mais divulgados os *Problemas de Linguística Geral I*, publicado pela Editora Pontes em 2005 e os *Problemas de Linguística Geral II*, pela mesma editora em 2006, é importante referir que estas não são as únicas obras de Benveniste. Oxalá possamos ver traduzidos e aprofundados pelos estudos dos linguistas e outros cientistas os escritos que recém estão sendo desvendados em sua profundidade e significado.

Cumprе ainda mencionar o riquíssimo trabalho empreendido por Valdir Flores, Leci Barbisan, Maria Finato e Marlene Teixeira e que resultou no *Dicionário de Linguística da Enunciação*, publicado pela Editora Contexto, em 2009. Trata-se de um compêndio dos termos referentes à essa área do conhecimento que tornou-se um referencial imprescindível para os que desejam conhecer melhor Benveniste.

Enfim, conforme prenunciado no título deste artigo, acredita-se que se até então houve um certo “descaso”, esquecimento ou até ocultamento da obra empreendida por Benveniste, por outro lado vislumbra-se um movimento que, ainda que possa parecer pequeno, vai aos poucos acendendo luzes para melhor visualizarmos os cômodos todos desta “casa” construída ao longo de quase trinta anos de pesquisa e estudos, vindo a constituir não uma nova linguística, mas um novo olhar sobre o que ainda pode ser a linguística e o que a mesma reserva aos que a ela se dedicam. Benveniste ressurgе aos poucos para aquilo que podemos considerar ainda um novo começo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

_____. *Últimas lecciones*. Collège de France 1968-1969. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2014.

COQUET, Jean-Claude. *A busca do sentido: a linguagem em questão*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GIACOMELLI, Karina. *Ciência, disciplina e manual: É. Benveniste e a linguística da enunciação*. 2007. Tese (de doutorado em Estudos Linguísticos). – UFSM, Santa Maria (RS).

GOMES, Neiva Maria Tebaldi. *Um estudo das relações de (inter)subjetividade presentes na enunciação escrita de professores de língua materna*. 2003. Tese (de doutorado em teorias do texto e do discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FLORES, Valdir do Nascimento et alii. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. 2012. Dissertação (de mestrado em análises textuais e discursivas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,

LAHUD, Michel. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. Ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1971.

LICHTENBERG, Sônia. *Sintaxe da enunciação: noção mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação*. 2006. Tese (de doutorado em estudos da linguagem). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARTINS, Eleni Jacques. *Enunciação e diálogo*. 1987. Tese (de doutorado em estudos da linguagem). – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MELLO, Vera Helena Dentee. *A sintagmatização – semantização: uma proposta de análise de texto*. 2012. Tese (de doutorado em análises textuais e discursivas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

SARFATI, Georges-Élia. *Princípios da análise do discurso*. São Paulo: Ática, 2010.

LETRAS de hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 4. p. 1-237, 2004. Disponível

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/issue/view/670>>.

Acesso em: 11-11-2014.